

CAMILO, Vagner, GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *O sino e o relógio: uma antologia do conto romântico brasileiro*. São Paulo: Carambaia, 2020, ISBN 978-85-69002-68-0, 416p.

DOI: 10.47677/gluks.v24i3.479

Recebido: 20/08/2024

Aprovado: 30/08/2024

SANTOS, Natália Gonçalves de Souza ¹

O conto é um dos gêneros literários mais lidos no país. De acordo com uma das mais recentes pesquisas sobre as preferências de leitura dos brasileiros, entre os leitores em geral, ele vem ocupando o mesmo lugar de preferência do romance.² Já num seguimento mais preciso, o escolar, ele o ultrapassa em número.³ Tais dados podem ser interpretados sob diversas perspectivas, porém, não se pode negar a importância do conto, dentro do sistema literário brasileiro, e sua grande presença entre os estudantes. Dessa forma, é com entusiasmo que se apresenta o livro *O sino e o relógio: antologia do conto brasileiro romântico*, tendo em vista o seu potencial para o ensino e para pesquisa em literatura.

Organizada pelos professores Vagner Camilo e Hélio de Seixas Guimarães, essa antologia traz vinte e cinco contos, produzidos entre 1836 e 1879, de vários autores brasileiros, muitos dos quais desconhecidos na contemporaneidade, seja pelo apagamento temporal, seja pelo uso de pseudônimos ou do anonimato. Cabe ressaltar a presença de autores que ocupam o centro de nosso cânone literário, como Machado de Assis, já bastante conhecido pela sua produção contística, considerado como um precursor do gênero entre nós (Camilo, Guimarães, 2020, pp. 16 e 17). Há, ainda, José de Alencar, um escritor relativamente pouco lembrado como produtor de narrativas curtas. Na coletânea, ele assina Lembra-te de

¹ Professora de literatura no Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa. Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Contato: natalia.g.santos@ufv.br

² Ao responder à pergunta “Quais destes tipos de livros, seja em papel ou em formato digital, o(a) sr(a) leu no último ano?”, em 2011, 31% respondia romance e 23%, conto. Em 2020, ambos os gêneros receberam 22% das respostas, equiparando-se. *Retratos da leitura no Brasil*, 2020, p. 51.

³ Entre os estudantes, o conto recebeu 31% das respostas contra 21% do romance. *Retratos da leitura no Brasil*, 2020, p. 52.

mim (1872), singela narrativa campestre, na qual o dito sentimentalismo romântico não deixa de emocionar o leitor contemporâneo.

Destaca-se também a presença de Fagundes Varela e Casimiro de Abreu, expoentes de nossa poesia romântica, desvelando, porém, uma outra faceta literária. Figurando, respectivamente com *A guarida de pedra* (1861) e *Carolina* (1856), a sua ocorrência ressalta um dos potenciais pedagógicos da antologia, uma vez que desloca de sua posição usual autores bastante conhecidos no rol da literatura brasileira. Oferece-se, assim, ao professor uma outra perspectiva de trabalho em face dos romancistas e dos poetas, possibilitando aos estudantes um primeiro contato com esses autores por intermédio do gênero que é, como ressaltado, o mais lido por eles atualmente.

Ainda no que se refere aos autores recolhidos, é necessário destacar a presença das escritoras. Dos vinte e cinco títulos, quatro são assinados por mulheres, são elas: Nísia Floresta, Maria Firmina dos Reis, Corina Coaracy e Escolástica P. de L. Tal discrepância evidencia, à luz do sistema patriarcal e escravagista vigente no nosso século XIX, o pouco acesso que as mulheres tinham ao mundo da escrita, bem como o apagamento, por vezes, deliberado, de mulheres autoras das histórias literárias. A configuração de gênero da antologia instaura um relevante problema de pesquisa, já em curso no interior da academia, que é o de localizar e colocar em circulação produções talvez perdidas das escritoras brasileiras. Tal trabalho foi acentuadamente beneficiado pela digitalização de materiais dos oitocentos, disponíveis, por exemplo, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Outra questão pertinente é a experiência em si de ser e estar no mundo enquanto sujeito identificado com o gênero feminino, num quadro social extremamente repressivo. Essa configuração pode ser observada na presença de temáticas como as relações entre mãe e filha, que aparece em contos como *Conversações com minha filha: a mulher literata*, de Corina Coaracy.

Dentre as obras de autoria de mulheres, ressalta-se a presença de *Gupeva: romance brasiliense* (1861), da maranhense Maria Firmina dos Reis. Como o próprio subtítulo indica, a autora manifestou opção pela designação romance. No entanto, pela sua relativa brevidade, tal obra causa certo debate entre os estudiosos de Reis quanto à sua classificação e, como os

próprios organizadores ressaltam na introdução, era comum um uso impreciso das designações genéricas, àquela altura (Camilo, Guimarães, 2020, pp. 11 e 12). Nesse caso, contudo, parece-me que a designação ‘romance’ escolhida pela própria autora merece mais atenção. Na nota de apresentação do texto, os editores mencionam a possível interlocução de Maria Firmina com o épico *Caramuru*, de Santa Rita Durão (1781), algo fundamental para a gênese de *Gupeva*. Num momento em que se discutia em tom de polêmica a adesão ao épico ou ao romance como a forma mais adequada a se representar o espírito da brasilidade,⁴ não parece fortuita, frente ao debate, a posição de Firmina, autora que vem sendo delineada como importante pensadora de nossa literatura, nos oitocentos.⁵

Um outro ponto de interesse de *O sino e o relógio* é a própria organização dos contos ao longo da antologia, comentada pelos organizadores na introdução. Os contos são agrupados em quatro categorias: fantástico, histórico, cotidiano e intriga. Tal disposição mostra as diferentes maneiras como nossos escritores se apropriaram da forma conto moderno, que pode ser descrita da seguinte maneira:

Buscando afastar-se do conto tradicional, mais próximo da tradição oral, novas formas apresentavam um foco narrativo bem delimitado, histórias desenvolvidas em tempo e espaço geralmente restritos, linguagem econômica e análise vertical das situações apresentadas. Assim, com poucos personagens e situação bem definida, em poucas páginas e alguns minutos de leitura, as histórias punham o leitor em contato com dilemas morais e interpretativos de grande profundidade e alcance. (Camilo, Guimarães 2020, p. 13)

Tais considerações remetem àquelas de Edgar Allan Poe em torno da unidade de efeito, uma relação entre extensão do texto e o efeito produzido no leitor, na qual a totalidade

⁴ Alude-se à polêmica em torno da *Confederação dos tamoios* (1856), obra de autoria de Gonçalves de Magalhães, que foi duramente criticada pelo então jovem articulista José de Alencar, nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, entre julho e dezembro de 1856. O interesse nos meios intelectuais em torno desse debate foi tão grande que se acredita que até mesmo o imperador D. Pedro II tenha saído em defesa da *Confederação dos Tamoios*, num pronunciamento impresso sob pseudônimo nas páginas do *Jornal do Comércio*. Cf. Moreira, 2013, p. 31.

⁵ Para compreensão da posição de Maria Firmina dos Reis enquanto pensadora da literatura brasileira, indico a leitura do artigo “Recriações e ressonâncias: *Caramuru* e a polêmica d’*A Confederação dos Tamoios em Gupeva*: romance brasiliense (1861), de Maria Firmina dos Reis”, de Flaviana Barcelos de Castro e Natália Gonçalves de Souza Santos (2022).

é importante como fator de maximização do sentido esperado. Ao se tornarem um marco do conto moderno, tais pressupostos estéticos evidenciam o quanto o conto produzido no Brasil, por diversas razões, tardou a separar-se das tradições orais. Esse seria um dos motivos arrolados por Camilo e Guimarães (2020, p. 19) para assinalar “um certo desprestígio do conto romântico na historiografia e na crítica literária brasileira”.

Dessa forma, a organização nos quatro blocos mencionados sugere uma proposta de leitura que demonstra a tentativa de aproximação desse novo tipo de narrativa, pautado pela concisão e pela técnica precisa. É claro que, como asseverado na introdução, não se trata de traçar uma linha evolutiva do conto romântico no Brasil, que vai “da lenda ao romance” (Camilo, Guimarães, 2020, p. 20). Observa-se em todos os blocos “textos escritos e publicados em intervalos de décadas; por outro lado, há nos diferentes blocos textos publicados quase que concomitantemente.” (Camilo, Guimarães, 2020, p. 20).

A título de exemplo, é possível pensar no conto O pão de ouro, de Bernardo Guimarães. Embora alocado na primeira das categorias, a do fantástico, ou seja, mais próximo da lenda, trata-se do último dos textos da antologia a ser publicado, vindo a lume em 1879. A intenção de se voltar às narrativas que circulavam oralmente se faz sentir desde as primeiras linhas: “cumpre-nos rememorar uma *lenda, ou antes uma avença mística* dos primitivos e selváticos habitantes da terra americana” (Guimarães apud Camilo, Guimarães, 2020, p. 37, grifos nossos). O seu compromisso com o registro de uma tradição oral confirma-se no desfecho, momento no qual o narrador diz ter ouvido de um terceiro aquilo que se passou: “ouvimos essa tradição de pessoa muito sensata e autorizada, e que tinha boas razões para dar-lhe inteiro crédito.” (Guimarães apud Camilo, Guimarães, 2020, p. 66)

Ainda no que se refere a esse conto, é interessante pontuar que, embora se ocupe da matéria indígena, a sua representação não é lisonjeira, destoando do indianismo romântico. Guimarães não poupa adjetivos pejorativos para descrever os costumes autóctones, sobretudo a antropofagia, que perde o seu cunho ritual para figurar unicamente como barbarismo. Tal perspectiva se afasta consideravelmente da de outra obra presente na antologia: a de Maria Firmina dos Reis, na qual o cacique Gupeva, indivíduo marcado pelas funestas consequências

do contato com a civilização branca, luta por defender os seus valores e a sua família, sendo portador dos signos da lealdade, da honra e do afeto.

Essa breve comparação permite observar, mesmo que superficialmente, as oscilações do tratamento literário dado à temática indígena, possibilitando entrever posturas que vão da idealização à repulsa. Tal constatação aponta para a complexidade do nosso romantismo, melhor aferida quando se considera produções menos conhecidas como as presentes nessa antologia, o que permite a abertura de novas indagações de pesquisa. Ademais, não se pode deixar de refletir acerca da própria irresolução das questões indígenas que permeiam toda a nossa história, desaguando nos conflitos contemporâneos. As diferentes representações da cultura indígena na literatura certamente indicam a dificuldade de pensar os povos originários dentro da ideia de nação brasileira.

Para além das relações com as narrativas populares e com as formas mais modernas do conto, os quatro blocos propostos como organização da antologia sugerem as diferentes interligações dos textos com a passagem do tempo. Nesse sentido, o próprio título, *O sino e o relógio*, aponta para alterações nessa dinâmica. A primeira das narrativas coligidas, *O sino encantado* (1877), de Franklin Távora, ocupa-se de um velho sino, há anos submerso no fundo de um rio, mas que, com suas badaladas, continua marcando importantes acontecimentos da comunidade. Já a última delas, *O relógio de ouro* (1873), de Machado de Assis, gira em torno do moderno e luxuoso objeto, símbolo de uma determinada posição social, eminentemente urbana, traços que conferem um ritmo vigoroso à intriga, mais precisa e enxuta.

Com essa ordenação, os organizadores propõem que os primeiros textos do volume, mais fortemente ligados ao padrão do lendário, têm uma conexão cronológica mais maleável, baseando-se em lances, por vezes, pouco precisos no que concerne ao tempo e ao espaço, enquanto os últimos parecem ter mais “consciência das exigências do gênero breve e do manejo técnico da temporalidade da história” (Camilo, Guimarães, 2020, p. 22), apostando em fatos do cotidiano, transcorridos no âmbito da vida familiar e urbana. Tal ordenamento certamente confere mais interesse à leitura, dotando-a de um caráter sistemático que contribui para a melhor compreensão do todo.

O sino e o relógio: uma antologia do conto romântico brasileiro certamente “aumenta um ponto” significativo aos estudos desse gênero literário, no país.

Referências

CASTRO, Flaviana Barcelos de, SANTOS, Natália Gonçalves de Souza. Recriações e ressonâncias: *Caramuru* e a polêmica d’A Confederação dos Tamoios em *Gupeva*: romance brasileiro (1861), de Maria Firmina dos Reis. *Ipotese*, Juiz de Fora, v. 26, n. 2, p. 20-31, jul./dez. 2022.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil*. 5ª ed. 2022. Disponível em: Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_IP_L_dez2020-compactado.pdf. Acesso em: 17 mar. 2022.

MOREIRA, Maria Eunice. O Brasil em papel: ideias e propostas no pensamento crítico do romantismo. In: WERKEMA, Andréa et al. (org.) *A crítica literária brasileira em perspectiva*. São Paulo: Ateliê editorial, 2013, p. 29-48.